

A Incidência da Teologia sobre a Eclesiologia: Um Modelo de Aproximação Perspectivas da literatura apostólica

*Alessandro Rodrigues Rocha*¹

RESUMO

O presente artigo discute a incidência da teologia sobre a eclesiologia em excertos da literatura apostólica do final do primeiro século. Busca-se abordar as perspectivas teológicas e as formas eclesiais de tal literatura numa tentativa de evidenciar o distanciamento da pluralidade eclesial neo-testamentária. A proposta fundamental é evidenciar a passagem de uma teologia e eclesiologia desenvolvida em perspectiva plural para uma teologia e eclesiologia em perspectiva unívoca.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia, Eclesiologia, Pluralidade, Univocidade.

ABSTRACT

This paper points out the incidence of the Theology in Ecclesiology in excerpts of apostolic literature of the end of the First Century. It deals with the theological perspectives and ecclesiastical forms presented in this literature in order to point out its distance from the New Testament ecclesiastical plurality. The paper highlights the passage from a Theology and Ecclesiology that developed in a plural perspective to a Theology and Ecclesiology in a univocal perspective.

¹ Pós-doutor em Letras pela PUC-Rio, doutor em teologia sistemática pela PUC-Rio, coordenador da Faculdade de Teologia da Unigranrio, pesquisador da Cátedra Unesco de leitura da PUC-Rio.

KEY-WORDS

Theology, Ecclesiology, Plurality, Univocal Perspective.

1. Introdução

As relações entre teologia e eclesiologia são notórias em toda a extensão da história do cristianismo. Mensurar a incidência que cada uma das áreas promove sobre a outra é um exercício que se deve fazer constantemente. Nesse artigo queremos propor um recorte na relação teologia eclesiologia, bem como a preponderância de um dos dois pólos sobre a formação dos contornos do outro. O recorte é o período que marca o início da literatura dos Pais Apostólicos²; sobre a preponderância será privilegiada a incidência da teologia sobre a eclesiologia.

A tese de fundo é que a perspectiva teológica de determinado momento funda uma forma eclesiológica que possibilita por sua vez a objetivação daquela teologia. Com isso não estamos negando a relação dialética que certamente há entre teologia e eclesiologia, inclusive com o protagonismo por vezes da eclesiologia. O que fazemos é uma escolha metodológica, no sentido encontrarmos um modelo de aproximação capaz de oferecer os elementos suficientes para a leitura da realidade para qual nos dirigimos.

Outra questão que julgamos importante mencionar, diz respeito ao caminho percorrido. Na primeira parte do artigo percorremos um caminho que parte da teologia e da eclesiologia paulinas (como espaço da pluralidade), e da teologia e eclesiologia das cartas pastorais (como início de fechamento e univocidade). Nesta segunda parte do texto buscaremos percorrer o processo que levou a teologia de sua condição plural/metafórica à condição unívoca/metafísica. Para, por fim, percorreremos o caminho que levou a eclesiologia de sua condição de diversidade à condição de hierarquia.

² Esse artigo está dividido em duas partes. A primeira parte foi publicada em *Reflexus* 6. Nesta segunda parte é abordado o segundo século, mais especificamente a literatura dos pais apostólicos.

2. Caminho teológico da metáfora à metafísica

O processo de univocização do discurso teológico cristão confunde-se com sua aproximação ao pensamento filosófico grego presente no helenismo. Essa aproximação é fortemente marcada pela aceitação da filosofia platônica apresentada no médio-platonismo³. O pensamento platônico, sobretudo sua metafísica, serviu ao discurso teológico cristão em seu estágio até então mais elaborado⁴.

A Igreja, que recebera o mandato de tornar presente a mensagem do Evangelho até as extremidades da Terra, para poder estender-se, deveria traduzir seu conteúdo religioso em termos racionais, para que fosse acessível ao pensamento e à tradição grega. No segundo século, iniciou-se a helenização do ensinamento cristão e da linguagem teológica, nascida deste encontro. Preparou-se deste modo a expansão do cristianismo⁵.

As condições histórico-culturais daquele momento são fundamentais para a compreensão desse movimento da teologia chamado apologética⁶. O encontro do cristianismo, com sua literatura amplamente

³ “Este termo designa a corrente de pensamento platônico dominante nos dois séculos do tempo imperial, destinada a desaguar no século III, no neoplatonismo... É justamente esse tipo de filosofia que exerce uma influência determinante nos apologetas gregos do século II d.C. (Atenágoras, Justino Mártir, Clemente de Alexandria e Orígenes). As apreciações sobre as várias escolas filosóficas, a admiração por Platão, os elementos característicos da doutrina da transcendência de Deus, a doutrina das idéias como pensamentos de Deus contidos em sua inteligência e em seu logos, a concepção do nascimento do universo pela imposição das formas e da ordem sobre a matéria não gerada...” **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs** – Verbetes médio-platonismo.

⁴ TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 1997, p. 44.

⁵ FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Teologia da Igreja Primitiva: O Homem na Visão Histórica do Mártir Justino**. Petrópolis: Vozes, 1979, pp. 17-20.

⁶ Paul Tillich na introdução à sua *Teologia Sistemática* discute acerca da compreensão mais adequada que se deve ter sobre a apologética. Ele diz que a “Teologia Apologética, que teve posição tão elevada na igreja primitiva, caiu em descrédito por causa dos métodos empregados nas tentativas abortivas para defender o cristianismo contra ataques do humanismo moderno, do naturalismo e do historicismo. Tentou descobrir lacunas em nosso conhecimento histórico e científico para encontrar um

marcada por traços metafórico-poéticos e destinada à liturgia e à catequese, com a cultura grega presente no helenismo e no império romano, bastante contrária às narrativas mitológicas já contrapostas à teoria da transcendentalidade de Deus, produziria uma adaptação um tanto sincrética daquela a esta, geradora de um discurso teológico bastante peculiar.

O cristianismo, que no dizer de Paul Tillich “teve que se expressar em forma de respostas a certas acusações particulares (...) que ameaçava o império romano e que era, do ponto de vista filosófico, pura tolice, não mais que superstição misturada a fragmentos filosóficos”⁷ precisou dialogar, no sentido de explicar sua experiência de fé de forma a ser entendido e aceito no interior daquela cultura.

Aquilo que no início da literatura teológica pós-apostólica⁸ era dito numa perspectiva metafórica, ou seja, que transbordava a capacidade delimitadora da palavra, passaria a ser submetido gradativamente, ainda nessa mesma literatura pós-apostólica⁹, à necessidade de definição, onde a palavra enquanto recipiente dos sentidos pudesse abrigar todos eles. O dizer metafórico aberto à equivocidade seria substituído pelo dizer metafísico gerador de conceitos unívocos. Neste sentido, há uma subtração dos elementos propriamente religiosos e um impedimento às interpretações espontâneas e populares.

No sentido de evidenciar essas aproximações e a conseqüente sublevação do pensamento platônico¹⁰, e com ele sua metafísica, impõe-

lugar para Deus e suas ações dentro de um mundo de outra forma completamente calculável e imanente... Esse procedimento indigno desacreditou tudo que é chamado apologética”. TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 45.

⁷ TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**, p. 45.

⁸ O melhor exemplo nesse caso é o Didaqué, que ao tratar do da forma de administração do batismo respeita certa diversidade gerada pelas condições materiais (Didaqué 7).

⁹ A carta de Clemente aos coríntios, e as cartas de Inácio de Antioquia, representam bem esse corte centralizador da doutrina e do governo no período pós-apostólico.

¹⁰ A influência platônica se estendeu até a plena recepção teológica do aristotelismo filosófico pela escola dominicana, onde Tomás de Aquino se mostra como principal sistematizador.

-se a necessidade de verificar seus principais interlocutores no interior do cristianismo¹¹.

O primeiro deles é, sem dúvida, Justino, o mártir. Nascido de pais pagãos, tendo estudado filosofia, converteu-se ao cristianismo. Em suas obras transparece o esforço de adaptação de um homem formado segundo a filosofia grega e depois convertido para apresentar a fé aos seus contemporâneos. Por causa de sua teoria do *logos espermáticos*¹² foi-lhe possível dizer que “não só não existe oposição entre filosofia e cristianismo, mas pode-se afirmar até uma substancial identidade entre a primeira e a segunda”¹³.

Justino busca na filosofia o método capaz de lhe permitir o desenvolvimento da tarefa de defender o cristianismo ante ao “desafio” – externo e interno – que este experimentava. Esse desafio, do ponto de vista interno, consistia em combater as heresias¹⁴ e, do ponto de vista externo, superar a crítica que o dizia como “pura tolice... superstição misturada com fragmentos filosóficos”¹⁵.

O impacto da filosofia platônica sobre sua formação foi tão grande que ele disse: “Eu exultava principalmente com a consideração do in-

¹¹ O pensamento filosófico não foi acolhido pela unanimidade dos teólogos, nem tão pouco aceito de forma passiva. Homens como Taciano e principalmente Tertuliano se opuseram a tal aproximação. Famosa é a sentença deste último “que tem haver Atenas e Jerusalém, que tem haver a academia e a igreja?”.

¹² Justino diz que “em todos os homens está o *esperma tou logou*. Este não é só a capacidade ou aptidão para apreender a verdade, mas é a própria verdade ínsita no homem... O ponto alto destas manifestações são os profetas e os filósofos”. FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Curso de Teologia Patrística I**, p. 120. Para Justino a verdade está no logos, portanto externa à cultura e é dada aos homens a partir de sua reta ordenação. Portanto, do ponto de vista de uma teoria do conhecimento, Justino alcança a verdade por via metafísica. Nisto ele se assemelha à teoria da intuição intelectual de Platão.

¹³ **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Verbete helenismo e cristianismo, pp. 660-661.

¹⁴ A expressão heresia é bastante questionável. Seu uso é veiculado em contraposição àquilo que se chama ortodoxia. Neste trabalho, heresia é compreendida como pensamento teológico que se coloca ou é colocado à margem da interpretação teológica oficial.

¹⁵ Ver nota 64.

corpóreo. A contemplação das idéias dava asas à minha inteligência¹⁶. E ainda: “Que obra maior devemos realizar senão a de mostrar como a idéia dirige todas as coisas? Concebida em nós, e deixando-nos conduzir por ela, podemos contemplar o engano dos outros e ver que em suas ocupações não há nada de são, nem de agradável a Deus¹⁷.”

Sobre esta influência, o discurso teológico cristão, representado em Justino, volta-se à metafísica, distanciando-se das fontes de reflexão teológica pós-apostólicas. Os espaços de produção teológica vão se deslocando do interior das comunidades de fé, de sua liturgia e ação pastoral, a outros centros, de reflexão mais conceitual. Os próprios agentes desta reflexão irão diminuir, cedendo espaço gradativamente a especialistas.

Esse deslocamento de uma teologia que, na metáfora, se comunica numa dimensão mais funcional e dinâmica, para uma outra, de tendência mais conceitual, encontra em Justino seu primeiro interlocutor. Ele mesmo disse: “Filosofia é a ciência do ser e do conhecimento da verdade, e a felicidade é a recompensa dessa ciência e desse conhecimento”¹⁸.

Nessa tarefa de aproximação do discurso teológico cristão à filosofia grega, sobretudo platônica, para além das contribuições de Justino, estão aquelas dadas pela escola de Alexandria. Ali, dois são os nomes de maior relevância. O primeiro é Clemente. Filho de pais gentios, nascido provavelmente em Atenas pelo ano 150. Convertido ao cristianismo, estudou com diversos professores até conhecer Panteno em Alexandria, onde iria desenvolver seu ministério¹⁹.

“Em Clemente a veneração por Platão e a influência do platonismo contemporâneo assumem uma dimensão ainda mais ampla e desenvolvimentos ainda mais ricos do que em Justino”²⁰. Em seu escrito chamado *protréptico*, Clemente pede a Platão torná-lo seu companheiro na busca de Deus²¹.

¹⁶ JUSTINO MÁRTIR. **Diálogo com Trifão**, p. 112.

¹⁷ JUSTINO MÁRTIR. **Diálogo com Trifão**, p. 114.

¹⁸ JUSTINO MÁRTIR. **Diálogo com Trifão**, p. 114.

¹⁹ BOEHNER, Phitotheus. GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**, p. 33.

²⁰ **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Verbetes platonismo e os padres, p. 1159.

²¹ **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Verbetes platonismo e os padres, p. 1159.

Longe de ser uma obra do demônio, dizia ele, a filosofia grega é, ao contrário, um bem. A ela coube a tarefa propedêutica de conduzir os gentios a Cristo. O que a lei fora para os judeus a filosofia fora para os gentios²². Phitolomeus Boehner cita Clemente em seu texto as *Stromatas* nos seguintes termos:

A fé em Cristo, a que agora se pretende restringir o alcance da razão humana, não existiu antes do advento do Salvador, quando se dispunha apenas da lei e da filosofia grega. A lei era, indubitavelmente uma expressão da vontade de Deus... Também os gregos, a despeito de todas as diferenças, encontravam-se numa situação semelhante. Não possuíam nem a lei nem a fé; a verdade lhes vinha do uso da razão natural... Isso se pode colher sem dificuldade da leitura de Platão... Não que Deus lhes falasse diretamente; mas nem por isso deixou de guiá-los indiretamente pela razão, que é também uma luz divina. De forma que a razão era para os pagãos o que a lei era para os judeus²³.

Na compreensão de Batista Mondin, “com a doutrina da função propedêutica da filosofia para a revelação, Clemente teve o mérito de ter superado a antinomia entre pensamento humano e verdade cristã e de ter dado assim o direito de cidadania, no seio do cristianismo, à filosofia grega e com ela a tudo o que pertence à razão e à natureza humana”²⁴.

Juntamente com Clemente, o outro grande nome da Escola de Alexandria foi Orígenes. Nascido no Egito, pelo ano 185, foi educado primeiramente pelo pai e, logo depois, em Alexandria, tornou-se discípulo de Clemente, vindo mesmo a superá-lo. Como diz Philotheus Boehner: “Com Orígenes, a escola catequética de Alexandria atinge o seu ponto mais alto... Orígenes supera Clemente em todos os pontos de vista e, sobretudo, pela penetração especulativa. Sobre os fundamentos lançados por Clemente pôde erguer o primeiro edifício sistemático doutrinal”²⁵.

²² BOEHNER, Phitotheus. GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**, p. 35.

²³ BOEHNER, Phitotheus. GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**, p. 35-36.

²⁴ MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia**. Vol 1. São Paulo: Paulus, 2005, p. 124.

²⁵ BOEHNER, Phitotheus. GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**, p. 48.

Com isso também concorda Clodovis Boff, dizendo que “a primeira escola de teologia sistemática foi o *Didaskaleion* de Alexandria, fundado no fim do Século II. Orígenes, seu maior representante, nos dá a primeira síntese dogmática, em *Dos Princípios*”²⁶.

Da mesma forma que Justino e Clemente, Orígenes mantém uma proximidade com a filosofia grega, sobretudo platônica, como mediação cultural no processo de produção teológica. Eusébio de Cesaréia fala dele e sua relação com Platão, dizendo: “Ele vivia em trato contínuo com Platão”²⁷.

Já tendo sido dito aqui sobre a impossibilidade de mensurar a influência dessas aproximações do ponto de vista dos conteúdos (em função da natureza desta pesquisa), é evidente que elas marcam profundamente o método de construção do discurso teológico cristão, tanto em seu caráter apologético devedor das leis de não-contradição, quanto de sua tarefa, ainda insipiente em Orígenes, de sistematização dos temas da fé.

Já seria necessário dizer que essa tarefa apologética, mesmo levando em consideração as observações feitas por Paul Tillich²⁸, consiste na eliminação da pluralidade epistemológica. A polissemia é encarada como uma ameaça à verdade. Esta não se encontra na dimensão das opiniões ou crenças (que seriam admitidas como heresias), mas, antes, na dimensão da episteme, da ciência das idéias, donde há de ser afirmada, para além de toda multiplicidade, em sua univocidade.

²⁶ BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 628.

²⁷ EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 209.

²⁸ Paul Tillich, na introdução à sua *Teologia Sistemática* discute acerca da compreensão mais adequada que se deve ter sobre a apologética. Ele diz que a “Teologia apologética, que teve posição tão elevada na igreja primitiva, caiu em descrédito por causa dos métodos empregados nas tentativas abortivas para defender o cristianismo contra ataques do humanismo moderno, do naturalismo e do historicismo. Tentou descobrir lacunas em nosso conhecimento histórico e científico para encontrar um lugar para Deus e suas ações dentro de um mundo de outra forma completamente calculável e imanente... Esse procedimento indigno desacreditou tudo que é chamado apologética”. TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**, p. 15.

Esse processo de negação da pluralidade, da polissemia, que já fora constitutiva da teologia cristã, incide sobre a eclesiologia de forma igualmente radical, conduzindo-a de uma prática da diversidade, das relações igualitárias, à uma rígida hierarquia, que vincula a subsistência da fé cristã aos processos excludentes de centralização segregação.

3. Caminho eclesiológico da diversidade à hierarquia

O processo de hierarquização que a igreja experimentou próximo ao final do século I, já inaugurado na literatura neotestamentária tardia (pastorais), ganha nas primeiras décadas do século II um estado de completude que merece nossa atenção. O processo de univocização da teologia precisava da hierarquização da igreja para sua continuidade. Ao mesmo tempo em que o processo de hierarquização encontrava na univocização sua razão de ser.

No sentido de melhor compreender essa relação necessária entre a instância discursiva da fé cristã primitiva, e de sua objetivação institucional, carecemos de um instrumental teórico adequado que nos possa ajudar, por um lado a perceber o “necessário” dessa relação, por outro, mensurar o grau da incidência sofrido pela igreja em sua relação com a teologia.

Para tanto, vale a pena dar ouvido ao pensamento de Gianni Vattimo que afirma:

A metafísica tem sobrevivido porque (e junto com) a antiga estrutura de “poder” tem sobrevivido. Assim, por exemplo, a Igreja cristã, sendo a cabeça do Império Romano, não poderia abandonar essa estrutura de poder e não foi capaz de desenvolver todas as implicações não-metafísicas do cristianismo²⁹.

²⁹ VATTIMO, Gianni & RORTY, Richard. **O futuro da Religião**, p. 85.

Parece-nos claro, portanto, o caráter necessário da relação do discurso com sua instância objetivadora. A teologia de corte unívoco (de epistemologia metafísica) tem sobrevivido porque (e junto com) a antiga estrutura (hierarquia) de poder tem sobrevivido.

Dessa forma, já podemos estabelecer com mais precisão, o paralelo entre a aproximação que a teologia fez com o pensamento grego platônico (basicamente com sua metafísica), e o processo crescente de hierarquização da igreja. Como afirma Gianni Vattimo:

É um ponto bem importante reconhecer que a história da metafísica não se restringiu à denotação do termo por ele mesmo mas esteve envolvida com a história de instituições sociais. Assim, não podemos deixar inteiramente de lado a idéia de que há um tipo de problema social da religião³⁰.

O cristianismo, que na esfera teológica (em sua epistemologia) manteve um contato com a metafísica platônica, experimentou também, mesmo que não estivesse presente a consciência dessas motivações, uma relação com essa mesma metafísica no que diz respeito à sua presença na formação das estruturas e instituições sociais.

A incidência da teologia sobre a eclesiologia pode ser percebida, portanto, tanto objetivamente (nas questões diretas de conteúdo e preservação destes), quanto subjetivamente (já que a epistemologia metafísica é comum às duas instâncias, iniciando na discursividade, mas não se ausentando das instituições).

Buscaremos exemplificar essa necessária incidência da teologia sobre a eclesiologia, trabalhando com dois Pais da igreja, Clemente Romano e Inácio de Antioquia, tentando mostrar, sobretudo, a radicalidade do processo de hierarquização presente em meados da primeira metade do século II.

A carta de Clemente Romano, escrita por volta de 96-98, logo após a perseguição de Domiciano, se dirige à comunidade de Corinto, no sentido de exortá-la acerca do afastamento de alguns presbíteros de

³⁰ VATTIMO, Gianni & RORTY, Richard. **O futuro da Religião**, p. 94.

seus cargos. Esta carta é importante para perceber como a idéia de igrejas igualitárias e autônomas presentes na teologia paulina, cedeu espaço muito rapidamente a uma prática de intervenção da igreja de Roma sobre as demais. Como observa P. F Beatrice:

A carta revela a existência da nítida e forte consciência do direito que a Igreja de Roma possuía já desde então de intervir nas questões internas de uma outra comunidade, a fim de recompor autoritativamente a ruptura ali produzida por causa da destituição de alguns presbíteros feita por um grupo³¹.

Vejam os a compreensão que Clemente tem acerca da autoridade na igreja: “Conduz os nossos passos na santidade de coração para que possamos fazer o bem diante de ti e diante dos nossos chefes (...) concedenos sujeitar-nos ao teu nome onipotente e aos que na terra nos guiam e nos governam”³². Como é possível perceber no número 61 da carta, essa sujeição está fundamentada na ordenação divina: Tu, Senhor. Destes a eles o poder real para que a eles nos sujeitássemos”³³.

Como afirma Sandro Gallazzi acerca das motivações presentes na carta:

Esta polêmica faz Clemente expressar sua concepção de eclesia. É verdade que ele ainda conserva a imagem do corpa e de seus membros, mas, como exemplo de organização interna, ele toma o “nosso exército” com suas relações de ordem e dependência: pro-cônsules, tribunos, centuriões (...) todos eles obedecendo ao imperador e aos oficiais superiores³⁴.

É como sugere Gianni Vattimo, acerca da incidência da metafísica sobre as instituições sociais. As imagens que servem à analogia vão sendo substituídas, não por acaso, mas para corresponder às determinações das novas forças culturais.

³¹ **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Verbete Clemente Romano, p. 304.

³² *Apud*. GALLAZI, Sandro. Da autoridade para a hierarquia. In: **RIBLA** 42/43, p. 15.

³³ Primeira Carta de Clemente aos Coríntios, 61. In: **Padres Apostólicos**, p. 67.

³⁴ GALLAZZI, Sandro. Da autoridade para a hierarquia, p. 15.

Por fim, da seguinte forma Clemente compreende a autoridade que devia ser respeitada pela igreja de Corinto: “Se alguém desobedecer à Palavra que Deus fala pela nossa boca, saiba que está em culpa e grande perigo”³⁵.

É, porém, nas cartas de Inácio de Antioquia, escritas nas primeiras décadas do segundo século, onde podemos observar os traços mais profundos da incidência de uma epistemologia excludente sobre a eclesio-logia cristã. Como nos diz P. Nautin:

Inácio de Antioquia pregava como primeiro ponto a união em torno do bispo e do clero (...) suas cartas são os primeiros testemunhos de hierarquia em três graus: bispo monárquico, padres (presbíteros), diáconos. Elas exaltam sobretudo o bispo: é o vigário de Deus (Magn. 3,1;6,1;Tral. 3,1) ou de Jesus (Tral. 2,1; Eph. 6,1) e nada se pode fazer sem ele (Tral. 2,2; Phil. 6,1)³⁶.

Em Inácio de Antioquia a questão da centralização do governo nas mãos de certo conjunto de homens, já não se dá tão somente em função das ameaças de cisão provocadas pelas heresias, mas, antes, como forma exclusiva (e portanto excludente) de ser Igreja. Como afirma Sandro Gallazzi acerca do tema da hierarquia presente nas cartas de Inácio: “É uma proposta totalitária, universalizante e excludente. A Igreja só pode ser assim; se não for assim, não é Igreja”³⁷.

A hierarquia é a reprodução permanente de relações de submissão retiradas da sociedade greco-romana, e introjetada na teologia num processo de naturalização, ou melhor, de divinização.

Esforçai-vos por fazer tudo naquela concórdia que Deus quer, sob a presidência do bispo que ocupa o lugar de Deus e dos presbíteros que ocupam o lugar do colégio apostólico e dos diáconos meus queridos aos quais foi confiado o serviço de Jesus Cristo³⁸.

³⁵ Primeira Carta de Clemente aos Coríntios, 59. . In: **Padres Apostólicos**, p. 65.

³⁶ **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Verbetes Inácio de Antioquia, p. 710.

³⁷ GALLAZZI, Sandro. Da autoridade para a hierarquia, p. 17.

³⁸ Carta de Inácio de Antioquia aos Magnésios 6. In: **Padres Apostólicos**, p. 92-93.

Deveis respeitar os diáconos como o mesmo Jesus Cristo e os bispos como imagem do Pai e os presbíteros como o senado de Deus e como o colégio apostólico: sem eles não há Igreja³⁹.

Estejais unidos ao vosso digníssimo bispo e à coroa espiritual do vosso colégio presbiteral e aos vossos santos diáconos. Submetei-vos ao vosso bispo (...) como Jesus se submeteu ao Pai na sua humanidade e como os Apóstolos a Jesus Cristo e ao Pai e ao Espírito Santo⁴⁰.

É bom fixar os olhos não somente em Deus como também no bispo: quem honra o bispo é honrado por Deus; quem age escondido do bispo serve o demônio⁴¹.

Parece bastante claro o quanto as estruturas eclesiais foram determinadas por uma perspectiva teológica (epistemologicamente metafísica) que vinha se firmando paralelamente à hierarquização. Essa igreja proposta por Inácio de Antioquia, corresponde àquela teologia que ia nascendo em Justino, Clemente de Alexandria e Orígenes. Porém, tanto uma quanto outra, eram influenciadas pela cultura helênica em sua matriz platônica. A teologia recebia essa influência diretamente da epistemologia, enquanto a eclesiologia a recebia das instituições sociais (que igualmente eram determinadas pela cultura helênica).

Neste sentido concordamos plenamente com Edward Schillebeeckx quando afirma que:

É impressionante constatar que a autoridade do bispo, dos presbíteros e dos diáconos não provém dos apóstolos através de uma sucessão apostólica. Pelo contrário, estes ministros são a imagem terrena de um protótipo ou modelo celeste (...). Exatamente como na literatura greco-romana se dizia: “um só Deus, um só imperador e um só império”, assim também o

³⁹ Carta de Inácio de Antioquia aos Tralianos 3. In: **Padres Apostólicos**, p. 98 (grifo nosso).

⁴⁰ Carta de Inácio de Antioquia aos Magnésios 13. In: **Padres Apostólicos**, p. 95; Carta de Inácio de Antioquia aos Filadélfios 7. In: **Padres Apostólicos**, p. 112.

⁴¹ Carta de Inácio de Antioquia aos Esmirnenses 9. In: **Padres Apostólicos**, p. 118.

princípio na Igreja agora era: “um só Deus, um só bispo e um só Igreja⁴²”.

Dessa forma o quadro se completa. A teologia paulina, aberta à diversidade e instauradora de uma eclesiologia capaz do plural, foi sendo, já na literatura neotestamentária tardia, substituída por uma perspectiva teológica com uma finalidade clara de conservar o depósito da fé, lançando mão para isso de todos os instrumentos apologeticos. Dessa perspectiva teológica (e em relação com ela), surge uma forma eclesial rígida, centralizadora e excludente. Comum a todo esse processo é a matriz cultural, que de mediação cultural necessária, passou a ser elemento determinante e determinador, a saber: a metafísica (tanto em sua dimensão epistemológica, quanto em sua incidência sobre as instituições sociais).

Referências bibliográficas

- BOEHNER, Phitotheus. GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CARTA DE INÁCIO DE ANTIOQUIA AOS ESMIRNENSES. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2005.
- CARTA DE INÁCIO DE ANTIOQUIA AOS FILADÉLFIOS. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2005.
- CARTA DE INÁCIO DE ANTIOQUIA AOS MAGNÉSIOS. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2005.
- CARTA DE INÁCIO DE ANTIOQUIA AOS TRALIANOS. In **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2005.
- DICIONÁRIO PATRÍSTICO E DE ANTIGUIDADES CRISTÃS**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DIDAQUÉ**. São Paulo: Paulus, 2006.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

⁴² SCHILLIBEECKX, E. **Por uma Igreja mais humana**, p. 96.

- FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Curso de Teologia Patrística I**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FIGUEIREDO, Fernando Antônio. **Teologia da Igreja Primitiva: O Homem na Visão Histórica do Mártir Justino**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- GALLAZI, Sandro. Da autoridade para a hierarquia. In: **RIBLA** 42/43.
- JUSTINO MÁRTIR. **Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 2007.
- PRIMEIRA CARTA DE CLEMENTE AOS CORÍNTIOS. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2005.
- SCHILLEBEECKX, Edward. **Por uma Igreja mais humana**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 1997.
- TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Paulo: Paulinas, 2002.
- VATTIMO, Gianni & RORTY, Richard. **O futuro da Religião**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.